

*Poesia de
tempos idos*

**BENEDITO
CELSO**

Benedito Celso

Poesia de tempos idos

Copyright © 2022 Benedito Celso
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Revisão e diagramação: André Gattaz
Capa: Helena Phillip
Ilustrações: Aleksey Eremeev

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

Coordenação editorial

André Gattaz

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

C394 Celso, Benedito
Poesia de tempos idos / Benedito Celso. – São
Paulo : Editora Pontocom, 2022.
86 p. : ; 21 cm
ISBN: 978-65-89496-08-3
1. Poesia brasileira I. Título.

CDD B869.91

CDU 82-1(81)

Sumário

Prefácio	7
A rua onde eu moro	13
Congada	15
Tema para um poema	19
A um menino da calçada	21
Homem boneco	24
Poeminha	25
Rouquidão	26
Proporção	27
Lenda da casinha branca	28
Era uma vez uma plantinha	30
Eu e você	31
Quando eu morrer	32
Serei ou ser eu?	35
Muita vez	37
Retrospectiva	38
Canção de embalar você	39
Rimas de intenção	40
Balada de mim menino	41
Olhos azuis	45
A meu cachorro	48
Rio Pardo	49
Tempo sepulto	50
Quase Irene	51
Dia da renúncia	53
Maria Gilete	55
Compasso de espera e passagem	57

De repente	59
Contradição	63
O verbo no infinito	66
Memorando de um ontem	67
Poema de trazer consolo	69
Ex domus	71
Leitura de liberdade	72
Anseios	73
Posição	75
Poema da confissão	77
Lead	80
Destempo	81
Astral prejudicado	83
Extravagância	84
À mulher	85

Prefácio

O que sentimos e o que pensamos no passado, ainda que longínquo, nunca se perdem. Ficam guardados nos recantos da memória ou esquecidos no fundo de gavetas como lembranças fugidias ou como papéis roídos e amarelados pelo tempo. Mas são aderentes à nossa vida, acompanhando-nos ao longo dos tempos, ainda que não possam ser reconhecidos porque ultrapassados, ou porque de composição imperfeita e não mais compartilháveis nos dias atuais.

Foram o que fomos um dia. São o que nos tornamos ao longo da lenta construção de nossa vida. Quando os reencontramos eles se mostram como se ainda fossem atuais e inteiros como os dias de hoje. Revisitá-los é a maneira simples de reviver momentos idos e tornar a sentir e a pensar o que ontem sentimos e pensamos. Portanto, não se há que os atualizar. Não se há que os retocar ou supor que devessem ter sido diferentes. Eles pertencem a tempos idos, não aos dias de hoje, representam o que ontem fomos e ainda são o que hoje somos.

É assim que eu os reencontro e atrevo-me a trazê-los ao presente. Desde o que sentia e pensava um menino que achava linda a rústica e descalçada rua em que morava, até aquele quem adormecia no sono da mulher amada para acordar enamorado e saciado de vida.

Escolhi alguns momentos de meus tempos idos e os faço desfilar para um reencontro comigo mesmo. A idade que hoje tenho deixa de ser idade para transmudar-se nesses momentos de vida nos quais o tempo não se conta, apenas se os sente.

O Autor

À minha esposa Emery, luz da minha vida e
inspiradora de meus sonhos.

*“Não somos apenas o que pensamos ser.
Somos mais: somos também o que lembramos
e aquilo de que nos esquecemos;
somos as palavras que trocamos,
os enganos que cometemos,
os impulsos a que cedemos sem querer”.*

Sigmund Freud



Poesia de tempos idos

A rua onde eu moro

Na rua onde eu moro meu sapato preto é vermelho.

As pedras não rolam, o chão cobre a terra
da rua onde eu moro.

Crianças que brincam de peito despido
conhecem o segredo da rua onde eu moro.

É reta, é curva, é cheia de coisas.

E eu moro lá.

Como as crianças que brincam de peito despido,

a rua onde eu moro recebe o sol

e é tão bonita a rua onde eu moro!

Sorri quando a gente passa sorrindo
e chora...

A rua onde eu moro tem mais vida que outras ruas.

São belos os olhos, um corpo perfeito,

vestido babado com rendas na manga

num realce do belo da rua onde eu moro.

Às vezes quando menino eu brincava,

sem chicote, montado em cavalo,

um cavalo de pau, sem freio, sem crinas, sem nada.

Mas era um cavalo!

Agora os meninos mudaram o brinquedo.

Não mais bordam nos prados

da rua onde eu moro,

em corcéis velozes que cansam os cavaleiros.

Mudaram os brinquedos os meninos da rua.

Mas a rua não muda, é sempre a mesma.

Um céu de estrelas, um lago dormido,

um desenho de criança,
inocente, natural, espontâneo.

Se o sol lhe resseca o peito despido
a chuva socorre chorando em seu leito,
no leito da rua, da rua onde eu moro
que é tão bonita.

(1957)

Congada

Um dia Tião Aparício
jogou o dentinho sobre o telhado, tomou água benta
e sarou de inchação.

Depois saiu galopando a poeira da estrada
para buscar o que aqui a terra não dava
e perdeu no caminho a esperança de não mais voltar.

E agora está voltando, Tião Aparício.
Voltando para seu berço.
E volta Tião!

Vem cantar a reza estrangeira que na língua do povo,
cantada em novena virou tradição.

“Glória ao pai, é do filho, é do espírito santo...”

Volta, Tião!
Atiçar a fogueira e rodar seu pião.
E volta Tião.
E volta Tião, acender as três velas
no pé do mastro de São João.
Vem passar na fogueira e fazer seu milagre caipira.

E volta, Tião.
E volta, Tião,
atiçar a fogueira e rodar seu pião.
Dá três tapas na boca se diz palavrão.
Vem buscar o anjinho que morreu noutro lado,
vem contar a estória do mourão.

“Era uma vez uma figura de mulher
que segurou o cavalo de um homem
e quando soltou
a terra recuou tão depressa
que o homem morreu de encontro a porteira.

Depois, toda vez que um cavaleiro passava por ela
já longe inda se ouvia três batidas no mourão.”

Era assombração, Tião.

Era assombração.

Mas volta, Tião.

“Na cruzinha da estrada
tem um mendigo arretalhado
que pede agitório ao cavaleiro noturno
se tem lua cheia”.

É assombração, Tião!

É assombração.

Mas volta, Tião.

Sua terra é assim.

Pois volta, Tião, atçar a fogueira e rodar seu pião.

Lá muito longe não tem terra,

tem assombração.

Volta, Tião.

Aqui é vida das coisas nascendo,

volta, Tião;

aqui a noite é virgem dormindo no escuro,

volta, Tião.

Aqui o tempo tem mais tempo,

tem cantiga na serra,

a terra é criança de andor,

vestida de branco na capela.

Volta, Tião.

A festa tem até rojão.

E você corre, Tião.

E você corre, Tião.

Vai até a cruzinha da estrada buscar a vareta

como cachorrinho ensinado,

depois volta,
como agora, Tião.
A vida te ensinou.

“Uma vez a chuva acordou brava de noite
e derrubou o ceboleiro em que você brincava.

Quando o dia chegou
veio vestido de luto da noite,
o sol nem saiu.

Você lembra, Tião?
Você nem quis ganhar seu ano-bão”

Lá adiante da encruzilhada
a reza é muda e nem tem Santos-Reis.

E você deixou sua barba de pelego,
seu chicote,
sua roupa vermelha,
sua bota,
sua espora e seu pandeiro.

Então volta, Tião!
Vem atiçar a fogueira e rodar seu pião,
vem dançar pro Divino,
o festeiro faz doce de cidra e mamão.
Aí a dança é estranha, nem congada que é bom.

E você não quer que a terra
lhe jogue de encontro à porteira.

Então volta, Tião,
não quer que a pintura lhe mascare a cara,
então volta, Tião,
não quer que lhe dividam o tempo em pedacinhos,
então volta, Tião.

Vem atiçar a fogueira e rodar seu pião.

E roda pião e volta Tião,
e roda pião e volta Tião.

“Glória ao pai é do filho e do espírito santo, é de
sacro socrórium, é de nunca, é de sempre. Amém.”

(1958)

Tema para um poema

Os pés descalços da menina
brincavam na areia branca
da estrada cheia de sol
e um vento amigo trazia do campo
uma canção de amor.

A menina corria na estrada cheia de luz.
O mar vinha perto com verde canção,
de braços abertos bem dentro do vento.

Já à vista do mar os pés da menina
brincaram na areia
buscando a da praia.

O mar e a menina,
o vento e o mar.
Os pés na areia
querendo dançar.
A menina com o vento
querendo cantar,
mas não sabe a canção
e corre para o mar
que a espera com sono,
ele vai bocejar.

Acabaram-se as estradas
não as tem o mar.
A menina não sabe
por onde seguir.
Não soube cantar
e corre para o mar

Não tem mais estradas
só o vento que canta
uma canção de amor.

E os pés descalços da menina
ganharam a areia
do fundo do mar.

(1959)

A um menino da calçada

Eu sempre o via na manhã descalça
andando lerdo pela ruazinha
como se voltando de um carnaval.

A cara suja com borrões de tinta, os olhos gastos refletindo
o nada que parece amar e que nem é seu.

Era um menino jogador de esquina,
quase em certeza rei das bolinhas.
E eu sempre o via assobiando fino
alguma coisa que eu não conhecia.

Chegava com o sol até meus olhos
quando bem cedo a janela abria.

E eu pensava:

“Que menino estranho,
faz correr a noite para acordar o dia.”

Eu nunca soube nem sequer seu nome
ou se em seus dias houve um Natal.

Toda manhã a calçada virgem
gritava os passos de alguém que andava
assobiando a mesma melodia.

Era o menino amarrotado que passava
trazendo no assobio um novo dia.

Eu nunca o vi perambulando à toa
quando o sol na vitrine do céu.

Nem mesmo o vi uma vez sequer
quando o dia encabulava a rua.

Nem a calçada que era sua irmã
também contava onde o menino ia
ou donde vinha pela manhã.

Quem quisesse vê-lo na manhã descalça
andando lerdo pela ruazinha,
que abrisse cedo as janelas: ele aparecia.

Foi numa noite, noite gorda e fria,
o vento assobiou na veneziana da rua
uma canção que a rua conhecia.
Era a canção que o menino assobiava.

E de manhãzinha, ainda bem cedo,
toda a rua correu às janelas para ver o menino chegar.
Deus jogou bolinhas com as nuvens
e fez um montão de nuvens escuras.
O menino não apareceu.

Todo o céu de Deus chorou
e nesse dia o dia não nasceu.

(1959)



Homem boneco

Gostaria de ser de mentira
para que os outros me perdoassem,
mas a infelicidade é que sou
um homem de verdade.

Gostaria de ser um boneco
e ter um dono me dando corda.
Eu faria a todo momento
o mesmo movimento.

Gostaria de não ser e sou.
Sou um homem de verdade,
quem dorme e quem acorda,
sou um boneco de mentira
ao que o destino vive dando corda
e a cada instante,
a todo momento,
faz um novo movimento.

(1959)

Poeminha

Menino tosse,
tosse, tosse.
Menino comprido e de barriga
tomou xarope de caraguatá.

E a tosse tosse o menino,
tosse, tosse.

(É anjinho, se morrer ele vai pro céu)

Menino triste,
triste, triste,
com tosse comprida e de barriga,
chegou no céu e pediu
xarope de caraguatá.

(1959)

Rouquidão

Quando o homem morreu afogado
suas mãos queriam pegar o céu.
Um menino olhava de cima da ponte
e ficou com vontade de brincar
de pegar balão dentro da água.

Quando o homem morreu afogado
o rio bateu palmas na barriga
e se acomodou cansado junto ao barranco,
enquanto a mãe do menino o levava
pendurado pela orelha.

Houve um dia depois que um balão se viu
no céu marítimo de um rio moreno.
O homem boiou gordo de água
e sobre o rio não havia mais ponte
nem menino com vontade de pegar balão.
Tão só o que havia era uma orquestra de choro
provindo da alma de todas as coisas.

E quando o rio espreguiçou de sono,
numa sala tinha um homem deitado
e muitos menininhos barrigudos
com vontade de brincar
com a chama medrosa das velas.

(1961)

Proporção

Eu estou para a vida
assim como uma pena para o vento
que a vai soprando,
soprando,
e de repente cessa de ventar
e ela cai.

Eu estou para a vida
assim como uma pena para o vento
que a vai soprando,
soprando,
para cima e para o alto.
E se para de ventar
ela se encharca nos olhos das nuvens
e seu corpo pesado
já não para no ar,
E ela cai.

Eu estou para a vida
assim como uma pena para o vento
que a vai soprando,
soprando,
e quando a peninha branca
voa dentro do céu,
se o vento não para
e a nuvem não chora
a peninha não quer mais voar.
E ela cai.

(1961)

Lenda da casinha branca

Se um dia olhares a lua e vires uma casinha branca,
uma casa de uma porta só,
saiba que por ela entrou um menino
gostando de uma menina.
Entrou vindo de um quintal.

Se um dia olhares a lua e vires uma casinha branca,
uma casa de uma porta só,
saiba que por ela entrou uma menina,
gostando de um menino.
Entrou vindo de um quintal.

Se um dia olhares a lua
e veres um quintal todo florido,
cheio de árvores grandes
e um riozinho cantor,
saiba que por ali andaram de mãos dadas
um menino e uma menina que se gostavam.

Se um dia olhares a lua e vires uma casinha branca,
uma casa de uma porta só,
já sem dono e morador,
saiba que a menina num passeio
se perdeu pelo quintal
e o riacho não contou.

Se um dia olhares a lua e vires uma casa fechada
já sem dono e morador,
saiba que o menino está trancado dentro dela
a imaginar no escuro um quintal todo florido
cheio de árvores grandes e ilusões,
onde a menina num passeio
saiu e não mais voltou.

E como a casinha branca era casa de uma porta só
o menino está morrendo,
está com medo do quintal
onde um cão chora de fome,
um gatinho mia o nome,
e o riacho não contou
que a menina num passeio
saiu e não mais voltou.

(1961)

Era uma vez uma plantinha

No meu quintal havia uma plantinha
que nunca florescia.

A neblina molhava seus olhos
e ela chorava por não dar flores.

Só a noite a via chorar.

De dia ela enxugava as lágrimas com o sol
para de novo chorar no ombro da noite.

E crescia a minha plantinha.
Crescia chorando com vergonha do dia.

Um dia Deus lhe deu um botão
e uma flor nasceu para um sol que sorria.

Só uma noite a plantinha não chorou.

O peso da flor tombou a plantinha
e ela morreu no outro dia.

Uma noite só a plantinha não chorou.

Uma flor matou minha plantinha.

(1961)

Eu e você

Eu sou assim como o beija-flor
que beija a flor e ama o sol.
Eu sou assim como o sol
que ama o céu e beija a flor.
Eu sou assim tão livre
como o céu do beija-flor
que ama o sol.

Você é a flor do beija-flor
que vive ao sol perto do céu.
Você é assim como o amanhã
de uma manhã bem mais feliz.

Você é assim como a luz
que ama o sol
e beija a flor.
Você é assim como o céu
que beija a flor do beija-flor
que vive ao sol,
que beija a flor e ama o céu.

Você é a flor eu sou o sol,
você é o céu, sou beija-flor

(1962)

Quando eu morrer

Quero morrer numa tarde de sol, num dia branco.
Na rua por onde eu passar,
pelos pés que não são meus
e pelas mãos que eu não vejo,
deverão existir homens cansados procurando a sombra,
existir meninos de peito pelado
brincando na construção de alguma igreja.

Quero morrer num dia quente, com sol quente,
com sombra quente.
Cairá a gota de suor da última esperança
e o cenário do mundo será lavoura de silêncio.

Vou morar bem alto, entre árvores altas de troncos altos
no alto de alguma cidade.
Depois quero beber a paz dos que já não perdoam,
amar sem sentido na esteira dos anos que me farão pó.

Vou pintar de imaginação o meu presépio
e ter luz de velas no candelabro dos céus.
Escrever poemas de olhos fechados,
saber dos meninos brincando na areia,
os olhos ardendo, a mão toda suja.

Quando eu morrer quero ter tarde de sol
na minha viagem calada.
Que ninguém lance lágrimas sobre mim
porque eu não gostarei de ver choro.
Quero sorrisos à volta de meu corpo,
meninas nascendo ao amor,
a janela aberta ao vento
para me trazer as folhas que estarão caindo
na tarde quente de sol.

Quero crianças que não entendam
e pensem que é dia de festa,
como eu pensei quando morreu o velho Sabino.

Quando eu morrer eu quero que o mundo
se vista de branco,
que todos possuam brinquedos,
balanços, bolinhas, vontades
e exista um poema para quem quer amar.
Trazer das tristezas o sorriso amassado e fazê-lo existir.

Quero que haja meninos correndo na rua,
montados em cavalo de pau,
jogando biroca, o joelho esfolado, a mão toda suja
e o banho apressado na hora da escola.

O mundo não deve morrer um instante sequer.
Deve ter menina amando escondido,
olhares cruzando a sala, um sonho maior que a morte.

Quando eu morrer eu quero o sorriso do mundo
que não morreu nesse dia tão gostoso
de um sol quente,
de uma vida quente.

(1962)



Serei ou ser eu?

Do verbo ser eu fui futuro das coisas mais diversas
que as flexões dos sonhos me acordavam.

Primeiro fui motorista de estradas,
volante pesado.

(Escapei por pouco de ser padre)

Depois meu futuro foi cheio de muitas coisas.

Fui vaqueiro das campinas verdejantes,
fui jornalista famoso, fui cientista,
inventei um processo de respirar debaixo d'água
e continuei as pesquisas de Ícaro.

Depois fui crítico, político, orador impetuoso
que acabou sendo andante,
coleccionador de flâmulas e de anedotas diferentes.

Cheguei mesmo a ir a Roma,
Europa toda eu vi.

Voltei marinheiro noturno querendo ser poeta, profeta,
menos atleta eu fui.

Contrabandeei esperanças, troquei consolos
e ganhei medalhas,
venci batalhas, fui macedônio,
herói eu fui.

Vi Hiroshima, vi Nagasaki,
voei por cima com bomba atômica de imaginação.

Fui presidente de maior nação,
ergui pirâmides no Egito,
liguei toda a oceanografia com uma rede de canais.

Fui Imperador.

Quando deposto mudei de posto
e fui ser artista de figurinhas

como aquelas com que os meninos
jogam abafa-bafa nas tardes de domingo.
Porém, quase morri de desastre automobilístico!

Então fui rico, muito rico,
e acabei desaprendendo de querer ser.
E sendo isso o que eu mais gostava
achei que ser pobre é mais bonito,
que o mundo é menor e que se pode gostar mais.

Então fui pobre menino de fumaça
e enquanto o futuro de meu verbo não passava
para me trazer o presente
eu esfregava a lâmpada maravilhosa
para ver o gênio de Aladim
e voava pelo céu de Gagarin com pó de pirilimpim.
Dentro do meu serei nem sequer gerúndio eu tive.

No final,
não sido e já cansado,
lancei mão de meus futuros
e fiz deles meu passado.

(1962)

Muita vez

Muita vez quando não quero me dizer palavras
e me encarcero num silêncio bruto,
eu fecho os olhos a esse mundo torto.

Muita vez quando eu me finjo morto
e calado fico ouvindo o nada,
sem querer dizer palavras eu escuto.
É o silêncio que vem falar comigo,
meu inimigo nas horas que eu não vivo.

Muita vez nessa vida cheia de horas inteiras,
eu procuro não viver ao menos um minuto
para sentir-me renascendo em outros mundos.

Muita vez estando eu morto alguns segundos
esperando nascer um dia de onze sóis,
eu fico encabulado ao me ver vivo
em meu velho mundo de tempos idos
que toda tarde corre atrás do silêncio,
morre em noite barulhenta
e renasce logo mais num outro dia
com a mesma cara de ontem.

(1962)

Retrospectiva

Escapa um pedaço de sol por entre os dedos
e as mãos acenam sumindo aos olhos,
aos olhos que miram os dedos da mão.

Desatam-se as barcas das noites dormidas
e um homem navega no mar das estrelas
que moram no porto donde ele partiu.

As nuvens são ondas que andam descalças
por sobre a areia da praia dormida
e sob outro mundo adiante do céu.

Dividem-se as horas e o tempo não passa,
passou-se um minuto, foi quase um século,
e a neve lhe pinta o cabelo de branco.

Os passos são longos e lentos batendo
e o vazio é silêncio de vida e amor.
Não desenha nem sombras o pouco de sol
que as trêmulas mãos procuram levar.

Não mais se veem os dedos, as mãos, os corpos,
calou-se o rio, dormiram os quintais.

A vida do agora é nuvens quietas
que dançam a valsa da desesperança
num mundo distante pintado de oco.

E o homem andante sumido dos olhos
na barca da noite movida a desejos
não tem mais crepúsculos que pinte esculturas
nem vê madrugadas vestidas de beijos.

(1962)

Canção de embalar você

Os olhos se escondem na brisa de um amor
e a cortina fecha a janela.

Papai sol logo que volta para te beijar
uma outra vez.

A pálpebra cortina fecha teus olhos,
mamãe lua já te vela da janela
vem te olhar uma outra vez.

Menina dormida, menina sonhando,
a noite esquecida te está namorando.

Papai sol logo que volta,
mamãe lua já te vela da janela,
vem te olhar uma outra vez.

E um menino que te gosta
embala o berço.

Tu não vês?

(1962)

Rimas de intenção

Aqui aprendi minha primeira palavra feia
e a disse errada na maneira certa de mim menino.

Esta árvore não tinha esse corpo de esqueleto,
esse tronco assim tão velho
queimado pelo tempo,
nem minha poesia era tão presa
às rimas de intenção.

Aqui aprendi a ver o mundo
e o vi tão errado
na maneira certa de mim menino.

Este campo não era assim tão seco, assim nu,
como quem trocou de roupa comigo daqueles tempos.

Tinha a boiada verde no capim gordo,
subindo os mastros de São João.

Tinha um pedaço de céu caído na terra
sem rimas de intenção.

Bem que essa árvore poderia ter sido cruz...

(1962)

Balada de mim menino

Quero rever as estradas que me levavam
para o lugar das esperanças.
Quero rever as árvores que me levantavam,
meu brinquedo de criança.
As atiradeiras no pescoço
caçando andorinhas e tesourinhas ligeiras.
Quero rever as estradas que me levavam,
as pistas de meu arquinho.
Quero voltar a ser menino,
descansar com meu destino.
Ser criança é tão bom!

Quero escrever no assoalho
com pedaços de carvão.
Copiar das latinhas com rótulos
as letras que eu não sabia.
Quero contar a outros meninos
as histórias de Jesus,
quero ser amigo do rei,
do rei que mora no céu.
Trazer bem cedo meus dias,
contar com os dedos meus anos,
meus anos numa só mão.
Quero ser criança de novo,
voltar a ser estribilho
de canção de primavera.
Pescar com vara sem linha
os peixes que não existem
na enxurrada da estrada.
Quero ver festas bonitas
com fartura e alegria,

ver festa de Santos-Reis,
o rei dançando de botas,
com grande barba vermelha.

Quero sonhar em ser grande
e ter um mundo de verdade,
quero não ter mais idade
de sempre se querer ter.

Quero trazer lá do morro
pedrinhas que são enfeites
para depois serem munição
de minha atiradeira.

Quero levar para os ninhos
no alto da laranjeira
os filhotes de rolinha
que caíram com o vento.

Quero chupar as laranjas
sem arrancá-las do pé,
para o papai ficar zangado
e a mamãe me apoiar.

Quero ver festas bonitas,
baile lá na casa grande,
casa de muitas janelas.

Quero ter medo do rio
e não mais da bomba atômica.

Quero ser amigo do rei,
do rei que mora lá no lugar onde nasci.

Quero voltar para a escola,
sentar-me em meio às meninas,
ter professora bonita
e vergonha de errar.

Quero lembrar-me dos pitos
que me faziam vermelho.

Ter as tardes de mansinho
caindo sobre as paineiras.

Quero brincar no quintal
com brinquedos que eu fazia
de porquinhos de pepino
que murchavam noutro dia.
Quero ser menino de outrora,
quero quero o que eu não posso,
quero rezar um padre-nosso
para a alma de quem morreu
lá do outro lado do rio.

Mesmo que eu não conheça vou rezar para dormir.

Vou comprar uma espingarda
para brincar de ser o chefe
de quadrilha de posseiros.
Quero correr pela lavoura,
ver as plantinhas nascendo,
catar ovinhos da terra
que eu não sei quem que botou.
Tomar chuva na estrada
quando voltava da escola,
não ter malícia com nada,
falar besteira escondido
e dizer tudo errado.

Acompanhar enterro de anjinho
que morreu quando nasceu.
Ouvir o cantar das rezas
num latim modificado,
acompanhar curioso os leilões lá no povoado.
Amansar os bezerrinhos
para servir de montaria
e perder os meus botões.
Usar suspensórios de pano,
ir todos os domingos à missa,
fazer primeira comunhão.

Acreditar nas mentiras
que se conta para enganar
as crianças pequeninas.

Quero não ter apelido
a não ser o que eu sou,
quero voltar a sorrir
quando eu nada entender.

Não saber criar figuras
além das que eu conheço,
acreditar em feitiço,
não conhecer Peter-Pan.
Ter medo de olhar a sorte
e de mordida de cobra.

Desconhecer um rio grande
e pensar que ele é ruim.

Ter medo de noite escura,
ter medo do sacizinho
montar na garupa da mula
quando se volta de festa.

Quero ser menino de novo
Para ser mais menino do que fui.

Quero voltar a ser criança
para ter vontade de crescer
e ser grande como alguém.
É tão bom ser pequenino,
descansar com seu destino,
ser criança é tão bom.

Quero ser eu quero quero
ser o que eu não posso ser,
quero quero um padre-nosso
no dia em que eu morrer.

(1962)

Olhos azuis

Olhos azuis que são teus
olhos azuis que eu quero,
pequenos olhos azuis
como é pequena a dona dos olhos.

Quantas ondas desceram de teus olhos
no choro de infância!
Teus olhos de mocinha
são olhos de criança.

Olhos azuis que são teus,
olhos azuis que eu quero.
Olhos azuis desse céu,
céu de azul desses teus olhos.

Caminhas em risos pela vida,
infantil de belos olhos,
e eu caminho em sonhos pelas nuvens,
nas nuvens desses teus olhos.

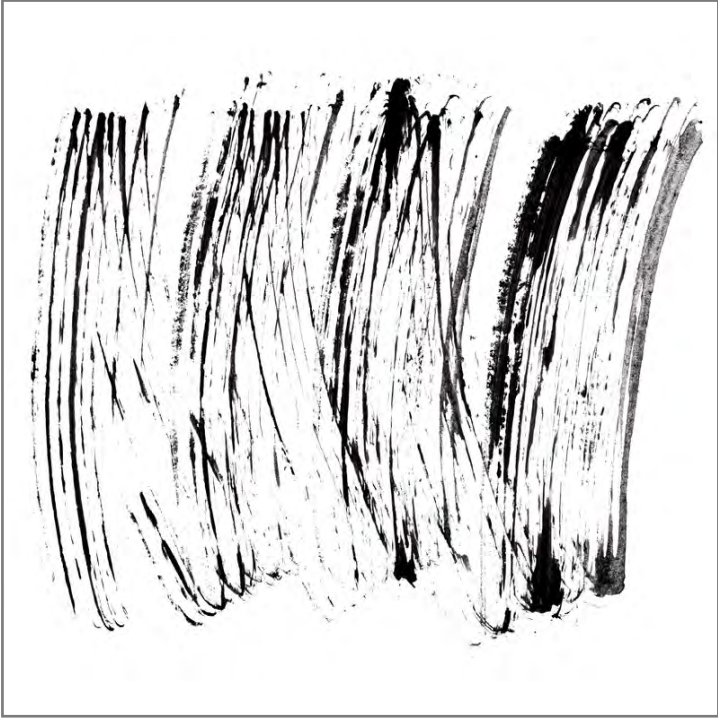
Olhos azuis que são teus,
olhos azuis que eu quero.
Na praia de teu olhar
naufraga um mundo de belos sonhos.

Criança linda, menina-moça,
dona dos olhos azuis,
sou criança também
meus olhos são sombras dos olhos teus.

Olhos azuis que são teus
olhos azuis que eu quero,
pequenos olhos azuis
como é pequena a dona dos olhos.

Que céu que vejo no azul de teus olhos!
Que azul que vejo no céu de teus olhos!
Que amor que sinto por ti
pequena dona dos olhos azuis.

(1963)



A meu cachorro

Eu tinha um cachorro
sem sangue inglês, de raça, de pelo ou focinho,
mas era um lorde.

Lorde na benquerença que o batizou.

Um dia Lorde morreu
e na minha casa só restou lugares.

Lugar onde Lorde dormia seu sono profundo
sem se importar com a gata
que lhe passava a palma do nariz.

Lugar onde Lorde ficava à espera de alguma presa,
uma importante presa,
de cabeça em pé e orelhas.

Olhar reto e parado, até o rabo.

Lugar onde Lorde esperava seu almoço
numa travessa esmaltada que era sua
(hoje até ela tem seu lugar).

Onde ele esperava meu pai
que chegando da cidade lhe acariciava o corpo
para ele se enrolar numa alegria quase que falando.
Lugar onde Lorde se escondia com medo de ralhos.

Lugar onde meu cachorro que morreu
ficava na mangueira
enquanto a boiada atropeladamente
fugia para os campos da invernoada.
Minha casa ficou cheia de lugares
quando Lorde morreu.

E dele só restou um retrato
em que ele morde carinhosamente
(à canina) as minhas mãos.

(1963)

Rio Pardo

Quando eu parti, no hiato de meus dias,
meu rio cantou baixinho
e se escorregou por debaixo da ponte.
Não havia nenhum pescador lhe fazendo cócegas,
nem moleques lhe jogando pedras.

Meu rio fez-me ouvir uma cantiga
que minha infância escreveu
nas pardas folhas de seus braços,
nas alvas folhas de seu berço,
nos dias brancos de mim menino.

Depois um silêncio tomou conta de tudo.
Nada mais se fez ouvir.
Junto com meu rio, agarrado à ponte,
vivi vontade de não partir.

(1963)

Tempo sepulto

Os mortos de minha vida fugiam do horizonte,
moravam a sete covas, bem profundas, silenciosas,
nunca mais a vaquejar.

Nunca mais vi “seu” Leoncio, bom vaqueiro,
nem o menino da Augusta
campeando na internada a sua cova tão cova
que o havia de esconder.

Me esqueci até do jeito da fala do Juvenal,
esquisito e regional,
contando a queima da mata,
lembrando a perda da safra com a geada que deu.

Os mortos de minha vida moravam a sete covas,
fugiam do horizonte,
para onde havia eu de correr.
Nunca mais pisei os campos que os mortos de minha vida
transformaram em moradia.

Lá ficou meu bom Sabino,
com sua poesia cheia de aspás,
deixando que a terra comesse
a terra que ele comeu.

Nunca mais eu vi a terra que me deixava tão perto
dos mortos de minha vida.

(1963)

Quase Irene

Um dia um dia nasceu e eu quase que vi Irene.
Uma palavra foi dita e eu quase que disse Irene.
O dia trouxe mais dias e eu quase busquei Irene.
Brinquei de tanto brincar, quase junto de Irene.
Depois um sonho embalou e quase sonhei com Irene.
Gostei tanto desse sonho, quase gostei de Irene.
Senti que a vida mudou, eu quase senti Irene,
mas tanto cresceu a sombra que quase esqueci Irene.

E tudo ficou tão triste que quase chorei por Irene.
Fui correndo pela noite, quase louco por Irene,
eu mesmo criava estradas, eu mesmo criei Irene,
eu mesmo desfiz o mundo, quase o mundo de Irene
e dentro de um labirinto de quase paixão por Irene,
decifrei três mil enigmas só por causa de Irene.

Quebrei ânfora de silêncio, quase o céu de minha Irene,
procurei musa escondida num poema quase Irene,
travei luta com fantasmas, quase morri por Irene,
acendi velas na sala, quase rezei por Irene.

Um dia o dia voltou e eu quase revi Irene.
Beijei os lábios tão doces, quase os lábios de Irene,
e soube de tantas coisas, quase soube de Irene.
Eu soube que a mãe-d'água é quase a mesma Irene.
As estórias que ela conta, com voz quase a de Irene,
é quase igual minha estória, é quase estória de Irene.

E houve um beijo primeiro de quase amor por Irene,
houve um sonho debruçado, quase o mesmo de Irene,
um poema de soluços, quase um cântico de Irene,

um carinho de ternura, quase meu sonho de Irene,
e eu vivi felicidade, eu quase vivi Irene.

Depois a noite caiu, quase morte para Irene
e eu pensei choradamente que quase matei Irene.
Fui trancar-me a sete chaves, quase vingança pra Irene
e no escuro do quarto, tão profundo quase Irene
fui morrer serenamente, quase nos braços de Irene.

(1964)

Dia da renúncia

Há uma sentinela na escotilha do tempo
porque hoje é o dia da renúncia.
Há uma chave desaparecida do portão de algum quintal
porque há a intenção de um grito.
Desde que o homem se fez homem conhece-se a audácia,
mas hoje é o dia da renúncia.

Há uma sentinela na retina dilatada dos audaciosos
e uma mordaza à frente da verdade pontiaguda.
Por isso os acenos deixaram de ter sentido
e o homem renunciou à tentativa.

Fez-se isolado entre os homens,
adormecido na nascente,
como um gigante da história aposentado.

(1964)



Maria Gilete

Era uma menina que parecia uma varinha,
mas tinha um nome:
chamava-se Maria de Tal,
vendendo gilete lá na São João.
Ali na calçada armava o caixote
e gritava fininho a oferta
a preço barato de bagatela.

Idade se tinha
ninguém advinha.
Devia ter sete.
E Maria de Tal já era
Maria Gilete.

Não tinha feriado nem dia de festa
(a barba cresce até em dia santo).
Maria de Tal se estabelecia,
jogava a muleta da perna mais fina sobre a mercadoria
e pregava com voz cheia de fome
as vantagens para o senhor
de gravata listrada e bem larga
que ouvia guloso a voz da menina.

Já tinha seu ponto.
Até horário já tinha.
Das sete às sete
Maria de Tal
vendia gilete.

Um dia Maria faltou ao serviço.
Roubaram-lhe o ponto e todo o direito

e um' outra menina se estabeleceu.
Vendia pentes Flamengo, Carioca,
falava, falava em meio à avenida
até que vendia.
Mas não tinha nome.

Mudou de produto, mudou de estadia,
foi pro viaduto vender caramelos.
E lá na avenida voltou Maria de Tal
Das sete às sete
Maria Gilete.

(1964)

Compasso de espera e passagem

Eu passo nas contas exatas de passos,
nas arestas bombásticas,
nas lendas do mandarim,
nas trincheiras eternas,
nas tréguas sem começo,
no caos da matemática,
na política dos homens,
na periferia dos mundos,
na beira do viaduto,
no barco e no clã,
nas cordas do ventre,
nas trocas de deuses,
nas cores da pele,
no todo e no rastro,
nas ideologias,
nos campos de lírios,
nos órgãos da paz,
nas costas dos outros,
nas doenças encomendadas,
no estilete do medo,
no mesmo compasso,
na fuga do fogo,
na crença do Buda,
no ritmo dos gráficos,
nos sóis dos botões,
nas trilhas do manifesto,
na coluna mercurial,
na violência do século,
nos estatutos vigentes,
nas propostas vetadas,
na província sem dono,

nos campos sem vales,
no chão de pés mortos,
na raça incidente,
no luar de agosto,
nos sintomas de glória,
na balada dos sonhos,
no compasso de espera,
na espera e passagem
eu passo.

(1964)

De repente

De repente a gente diz uma palavra que não existe.
De repente sente-se uma felicidade que não se descreve.

De repente meu amor chega e eu a recebo.

De repente tudo sorri.

As flores, a parede, os corredores.

Tudo.

De repente é sonho, é ventura, é amor.

É ela quem chega com suas palavras bonitas.

É de repente a minha vida, meu existir.

De repente eu estou com você,

de repente eu vou embora.

De repente eu choro porque você me fez chorar.

De repente eu morro.

De repente você me ressuscita.

De repente se alcançou os astros,

de repente se falou aos anjos.

De repente se nasceu, andou, cresceu, sorriu e amou.

De repente é sempre, o sempre é de repente.

É eternidade, é daqui a pouco, é o logo mais,

é amanhã, depois, daqui dias,

é agora, é neste instante, é já.

É um eterno presente e é um passado até.

É ontem, é um dezembro que houve, um Natal em abril,

uma canção que se ouve,

uma primavera que nos vestiu.

É um futuro, o desabrochar de uma flor,

é o nascer do sol, é o dia, a tarde e a noite.

É o relógio que marca o tempo,

é o tempo que não se importa.

É a vontade, o querer, o gostar,

é aparecer, ressurgir dos destroços, renascer.

De repente é amar sem saber por que foi,
como foi, ou quando foi.

De repente é tudo.

Tudo o que existe porque existe
e tudo o que não existe porque não existe.

De repente é o meu amor, o nosso amor.

De repente é a alma dos sorrisos, o sorriso das almas,
é a ventura do instante, a cor da beleza,
o branco da paz e o azul da serenidade e da ternura.

É o verde da esperança, das preces e dos sonhos.

De repente é a palavra bonita,
como bonita é a palavra bonita.

Você para mim é de repente
porque os minutos e a vida vão passando de repente
e eu amo a vida e os minutos que passam.

De repente é uma praia de coqueiros,
uma canoa dormida ao sabor de um riacho.

De repente é um pato que batiza as asas
num lago adormecido.

De repente é um beijo furtivo, uma emoção desmedida.

É o apaixonar-se.

O paraíso de Deus foi criado de repente.

De repente é uma rosa, uma flor, uma criança,
um menino que acorda, uma lágrima que rola,
um poeta que a descreve,

um pássaro que voa,

uma onda que morre no colo da praia.

É uma canção que nos acompanha ao longo do dia.

É um hino dos tempos.

Um romance de amor vivido no de repente.

De repente é uma vontade que chega
de se fazer de repente alguma coisa mudar,
um brinquedo existir,
um Natal vir mais cedo,
um pôr do sol de manhã.

De repente é o despertar do mundo,
o vir das trevas e das sombras.
De repente é a própria vida!
É o verbo que adverbiza, é o advérbio que diz ação.
Tudo é de repente.

De repente se sente vontade de dizer te amo,
se chora propósito de dizer te quero.
É o instante que acorda,
é o belo do dia que nasce lá fora.
De repente é você chegando, sou eu que vou indo.
De repente é sede, os pés queimando na areia.
De repente é uma bola que rola,
um menino que corre,
um anjo que desce,
um sentar-se em murinho, o desespero de um beijo.
De repente é o colocar de mãos sobre outras mãos,
são os olhares que se cruzam, que se amam.
De repente é algo que nasce no de repente.
Dos olhares um sorriso, do sorriso uma flor.
É um poema indiscreto que lhe diz bom dia,
ao nascer do sol e ao abrir das janelas.
É uma rosa que não é rosa,
mas sim um dizer te amo.
Às vezes é um pé de bananeira
que contradiz a tudo o que se espera.
É a revolta, a imagem do contrário.
De repente é tudo.

De repente é o agora,
o daqui a pouco, o não sei quando.
De repente é indefinido, mas é presente
e por ser presente é eterno o de repente.
De repente é o receber e a despedida.
É a alegria e o reviver,
é conforto, é carinho, aceitação da própria vida.
É esperança no de repente.
De repente é uma lembrança que está no eternamente.
De repente é centena, é milhar.
É uma porta se abrindo, o entrelaçar de mãos,
olhos que se fecham, bocas que se beijam.
De repente é fome, é sede, é desejo.
De repente é tudo.

O homem e a mulher são de repente.
É surpresa, é Papai-Noel em abril.
É um dia no calendário.
De repente é o começo e sendo a vida
não deixa de ser o fim.
Mas de repente para mim é o que há de belo e de bom.
Meu de repente é você.
Eterno é meu de repente.
É o agora, o daqui a pouco da minha vontade.

Por isso é que eu te digo sempre
“Até de repente”.

(1964)

Contradição

(homenagem a Carlos Drummond de Andrade)

No meio do caminho há uma caixa
e a humanidade se esconde.

No meio do caminho há um começo
e a humanidade continua humanidade.

No meio do caminho há um feto
e mansamente a caravana passa.

No meio do caminho há um padre
e o homem sofre a primeira queda.

No meio do caminho há uma luva
e os gênios humanos se descombinam.

No meio do caminho há uma foice
e se constrói o primeiro muro.

No meio do caminho há uma criança
e a liberdade assassinou um homem.

No meio do caminho há um louco
e Cesar incendiou sua verdade.

No meio do caminho há um lago
e cai o suor da primeira esperança.

No meio do caminho há uma cruz
e um corpo é transportado à lua.

No meio do caminho não há pedras
e a mentira suplantou a verdade.

No meio do caminho há uma palavra
e mudamente a caravana passa.

No meio do caminho há uma luz
e bem-aventurados somos todos nós.

No meio do caminho há uma porta
e a montanha veio a Maomé.

No meio do caminho há uma boneca
e as fábulas perderam as morais.

No meio do caminho há um boi
e as formigas destroem a figueira.
No meio do caminho há um graveto
e as rãs ganharam um novo rei.
No meio do caminho há um torpedo
e houve calmarias nas costas da África.
No meio do caminho há um gigante
e os pés brigaram com os passos.
No meio do caminho há um fim
e nasce outra criança na Biafra.
No meio do caminho há uma caixa
e tristemente a caravana passa.

(1964)



O verbo no infinito

O verbo no infinito.

Amanhecer e aceitar o dia com as mãos
dispostas a receber sementes.
Acordar e cumprimentar as pessoas
que usufruam do mesmo dia.
Assobiar uma canção de memória
que dorme com a gente
e simplesmente amanhecer.

Descer as mesmas escadas,
ouvir as mesmas vozes e mesmos sons
enquanto se apalpa o dia para reconhecê-lo nascido.

O verbo no infinito.

Alimentar a alma
com a primeira imagem bonita que se vê,
romper a barreira imaginária
entre a profissão e o gosto e sorrir,
docemente sorrir com os olhos
por uma lembrança casual,
por um lugar definido ou por alguém
no verdadeiro desejo de um bom dia.

(1964)

Memorando de um ontem

Eis que um dia em sofri o encontro de mim mesmo
entre as cinzas da existência,
o definir de mim mesmo
entre as silhuetas dos homens.
E existiu um corpo caindo no vazio
cheio de vontades mergulhando no nada.

Não existia a altura de ver, a vertigem dos prédios,
nem peso nem espaço existia.
A lei da gravidade houvera deixado de existir
e eu trouxera comigo o gosto da vida
sem a forma de espanto que a alma dos sentidos decorou.

E eis que um dia o homem colocou seu boneco
numa caixinha e caminhou estradas vestidas de sol
As árvores-plateia assistiam aos passos,
deitavam na areia um escuro sem sol.
E um homem parava falando ao boneco
dos verbos incríveis que todos conhecem e pensava:
“Meu boneco é de pano, mas o mundo vai vê-lo de vidro”

Uma vez houve em que um navio cruzou as águas
contra a corrente e o mar perguntou:
“De que é seu boneco?”
O homem da estrada acabara de ver seu boneco de vidro.
Houvera mentido. O navio afundou.

E eis que um dia o sol nasceu
e molhou o asfalto das ruas de minha terra.
No asfalto molhado meus pés, no tempo pequeno,
marcharam à batuta dos sentidos.

Depois o fruto se partiu em milhares de pedaços,
a terra girou e eles se escorreram
para o canto dos olhos
rolando pela face como uma lágrima só.

E eis depois que os frutos se tornaram iguais,
formidavelmente iguais,
no desespero de causa,
na continuação dos segredos,
no prolongar das suspeitas
e no formulário dos pensamentos.

E não haverá mais dias sem o sol nascendo.
No mar as correntes tomarão todas as direções
e o navio estará beijando as águas
num eterno beijo de viagem sem descobertas.
E não haverá mais noites com estradas dormidas
em torno do homem do boneco de pano.

E eis que houve um dia em que tudo nasceu
do asfalto molhado de sol da rua das rimas
e agora há um dia chamado de eternidade,
donde os verbos nascidos
são versos em poesia de estrofe sem fim.

Não importa saber do memorando de um dia que fala
dos frutos da África preta.

No cálice das horas o tempo é conta-gotas.

(1965)

Poema de trazer consolo

Quem sabe cidade minha
eu consiga meu intento
e te faça um poeminha
assim como um pensamento
pensado quase em segredo,
mas bem pertinho de ti.

Pois tu és minha cruz santa,
a cruzada de sorrisos
no asfalto molhado de sol.
Da matriz tocando o sino,
o branco da velha igreja
na primeira comunhão.
As namoradas que um dia
fizeram a gente chorar
sem nem bem saber porquê.

És Santa Cruz das bolinhas,
das bolachas, salva-salva,
pique-pique, mãe-da-rua,
com esquinas de poeira
vestindo a vida da gente.

Tu lembras, cidade minha?
À saída da escola vestias um uniforme
– menina de azul e branco –
e a rua se chamava Rua Barra Decorativa.
Tu tinhas um sorriso malicioso
ficando num diz-que-diz-que
enquanto o rio pardosamente
vinha lavar teus pés.

Tu serás sempre a mesma
Santa Cruz cidade artista
que se maquia ao espelho
para mais um ato da vida
no eterno palco simples
das longas cortinas verdes de tuas avenidas.

As bolinhas de teus filhos
que hoje correm em teus asfaltos
estão dizendo do brinquedo que antes me enlevou.

Quem sabe mesmo se um dia
o teu filhinho caçula
declamando poesia
não vai te dizer baixinho
a imensidão de carinho
que de longe te dedica
num poema tão só teu?

Quem sabe, cidade minha
eu consiga meu intento
e no derradeiro momento
eu possa adormecer contigo,
abrigar-me em teu abrigo
chamado de eternamente?

(1965)

Ex domus

Em todas as horas em que a vida lhe foi má
ou tentou lhe a paz, sempre houve uma esperança.
Suas mãos tiveram a força embrutecida de um gigante
e a ternura de um profundo amor.
Construiu estradas brancas e seus pés eram livres
sobre a terra e as águas.
Viu as crianças no parque e tantas vezes sorriu.
Sofreu as dores dos filhos
e anteviu os frutos das plantas.

Homem de boa vontade
acreditou na bondade dos homens e amou,
sobretudo amou.
No entanto está morto,
no entanto está morto.

(1965)

Leitura de liberdade

Num gesto riscado no ar, como lance inacabado,
o início do voo
de uma pomba lançada ao livre-ar.
Um braço estendido
e a liberdade abraçada no espaço,
como gesto infinito,
incomensuravelmente lindo.

(1965)

Anseios

Dei dádivas de anseios a seios que não supus.
Só pus nas mãos sua alma no mais terno de seus sins.
Sinceridade que nasce na serenidade de um minuto,
Homem nu todo criança criando ânsia de querer,
quer ser tudo, vinda e ida, idade que não se vence.
Vem ser campos, deita lírios,
dei-te lírios sem ter vindo.
Vim do ato mais sereno ser enorme no infinito.
(enfim isso é coisa à toa)
A toalha contra o vento
vem tornar a ser imagem
E ser mais real do que já sou.
Solto livre e leve ao sol em todas as idas e vindas.
Vim da ida, vou na volta,
Vou tatear riscos da face
Fazer certeza do que fui.

(1966)



Posição

Sou contra a meia palavra e a rima inflexível,
sou a favor do verso branco e da palavra por inteiro.
Sou contra as decisões ilógicas e o mau entendedor,
a favor do silogismo e da lucidez da transigência.
Contra as amarras soturnas e porões de verdades impostas,
a favor de estar solto num campo de coragem
semeando reflexos de atos torpes para colher a justiça
que brota nas palmas das mãos
e às vistas claras dos homens de bem.
Sou contra a complacência indevida e o dedo em riste,
a favor da igualdade do ser, na impotência e no valor.
Contra o compadrio e o cinismo,
apenas restos de um cálculo onde nove fora é zero,
a favor do Direito como arma de luta,
nos aforismos de Heráclito.
Sou contra a decisão retardada e a alternância de posição,
a favor de principiar o recomeço e acreditar que é possível.
Contra o rir desenxabido, desprovido de vergonha
de quem nega ser autor,
a favor de fatos despídos, com seus nomes reais
mostrados sem embuste.
Contra fechos e trancas que limitam acessos e idas,
a favor de águas passadas como vetor de novos moinhos.
Sou contra a prepotência dos armados
que estanca entendimentos,
a favor do equilíbrio entre a liberdade de querer
e o direito de ter vontades,
entre a contestação por erros alheios
e a constatação de erros próprios.
Contra dormir em ponto de encontro
e fechar o livro da história,

a favor da sabedoria como a arte de dizer a verdade
e perscrutar a natureza.
Contra o bajulo interesseiro, o abuso de advérbios,
a adjetivação excessiva e a ausência de sujeito,
a favor do embate contínuo, sem ringues nem rounds,
mas com metas conhecidas.
Sou contra autores de versões mal contadas
que se esquivam da luz,
a favor do esculpir em pedra bruta
e mostrar que o rei está nu.
Contra o caminhar arqueado pelo peso permanente
da consciência dos erros,
a favor de uma réstia no canto da sala
e dos conselhos derivados da prudência.
Contra o imolar de princípios
em nome de seita oculta,
o cantar canto inaudível,
ansiando por benesses,
a favor do homem simples,
no aconchego de si mesmo e na certeza de amanhã.
Contra a chegada sem sentido, a conveniência do omissão,
o não ser contra nem a favor, muito pelo contrário,
a favor da identidade, do dizer a que veio,
com nome próprio acentuado.
Sou contra o vice-versa na via que não se inverte,
no veio que não se esgota, na vinda que não tem volta,
a favor da persistência, da escolha reconhecida,
do inabdicável e do não refluir.
Sou contra o ser a favor em tudo, mesmo a princípio.
Sou a favor de ser contra, sempre que por princípios.

(1966)

Poema da confissão

Eu não sou bem nascido
nem cresci bastante pelo que eu nasci.
Até meu nome só traduz pobreza
e vem dizer das crenças que em meu tempo havia.
Eu não tenho herança, nunca tive terras,
nem vivi fartura de pegar talheres
no exclusivo acordo com as etiquetas.
Me deixaram crescer e iniciar as frases
com pronome oblíquo
na língua sitiante que meu pai falava.
Nunca chorei presente da fábrica Estrela
nem vivi anseio de tempo infinito.
Eu apenas vivi.

Tive quatro amas-secas de irmãozinho caçula
e se eu chorei foi bem por castigo por não querer ser.
Sou descendente pelos quatro fios do mineiro duro
que cortava a terra para ter pão em casa.
Sou o filho último de família humilde
que bem soube o preço de um grama a menos
no quilinho fino de arroz miúdo que se punha à mesa.
Sou o homem rude que se de mãos finas
foi porque o presente de meus pobres pais
foi bem maior do que a própria vida
que eu já tinha ganho.

E eu sou crescido sem crescer bastante pelo que eu vivi,
ou sem viver bastante pelo que eu cresci.
Eu só tenho orgulho de gritar bem alto
que entre tantas formas de subir vencendo,
vagarosamente, com meus pés descalços
Eu venci.

Não visitei Roma dos museus antigos
com palácios nobres cheios de história.
Não vi Inglaterra com pesados fortes,
fortes já cansados de tantos passados.
Eu não tive harém com mulheres lindas,
nem criei eunucos.

Não corri desertos em camelos mansos
procurando fábulas ou filosofia de pequeno príncipe.
Jamais encontre ilha do tesouro,
navegando os mares que eu nunca vi.
Não colhi frutos que estavam altos
nem saí dizendo que estavam verdes.
Eu apenas vivi.

Nunca fui astro nem troquei de nome,
nunca dei autógrafos ou tive fãs.
não rodei o mundo, escrevi jandaia
nem tomei champagne tendo por capricho
gelo do Himalaia,
Não disse discurso em sessão da ONU
ou escrevi romances
nem me contemplaram com o prêmio Nobel.
Eu não cortei fitas inaugurando o mundo
não entrei para a história, nem sou monumento,
Nunca tive fome maior que eu.
Eu apenas vivi.

Teci comentários sobre a paz no mundo,
ganhei amizades, tracei meu costume no acordo social
e ganhei moral numa concordata.
Não disse mentiras, nem inventei verdades
para meus irmãos.
Troquei esperanças, rezei pelos outros
e já tive orações mais puras e profundas

de quem já se deu de alma para mim.
Eu ganhei sorrisos de muitas Marias,
teci fantasias cheinhas de amor,
já fiz um poema tão grande e pequeno
que a própria existência não sabe de cor.
Já vi primaveras nascendo bonitas,
vi festa caipira com toda pureza presente na terra,
curei desalentos de muitos minutos,
recitei versos em tempo adverso e tive carinho.
Chorei de alegria, fui muito feliz.
Vi frutos crescerem, vi dias nascendo com muito assobio,
vi tardes de sol, manhãs carinhosas,
encantos de rosa e calor de quem volta.
Já tive meu bem que hoje inda fica,
cantei muitos cantos, falei tantas línguas
que os pobres bichinhos não mais se esquecem de mim.
Já tive um presépio, já tive natais
e dias de chuva e beijos na chuva com chuva de amor.
Vivi em realidade tão franca saudade
que um dia nasceu e vivi.
Ganhei tanta coisa, até uma fada-madrinha-esperança
que quando eu criança me fez caminhar.
Eu tenho um tesouro, mais ouro que o ouro,
mais céu do que a terra, mais muito que eu.
Sou rico, sou rico, não tenho tragédia,
meu mundo é vivinho e cheio de luz.
E eu apenas vivi.
Oh, meu Deus, eu venci.

(1966)

Lead

Os jornais de ontem forrando a sala sem susto
e o preto esperando o verde de um novo Garcia Lorca,
enquanto um matutino mancheta explosões,
e a felicidade é comprada a prestações
sem entrada e sem mais nada.

Um aparelho de surdez para o povo,
muito yé-yé-yé num grande alarido
e os magistrados londrinos ditando de suas tribunas
a moda de um penteado antigo.

O latifundiário e a falência da poesia na retina cifrada,
o feijão com louro enganando o feijão,
poemas incompletos em falsa antologia,
mulheres presidentes, Indira, Jacinta, Josefa e Marias,
e a bandeira protegida, respeitada, defendida,
americana.

O campo sem lírios e sem olhos
para olhar os lírios dos campos.
O homem ainda puxado pelo arado
representado menos e mais necessitado,
com um ano de suor e uma semana de festa.

O boi recusando o corte
e um jacá de caruncho no milho.

Outro aral e sempre a mesma terra.

(1966)

Destempo

(homenagem a Vinicius de Moraes)

Ontem foi domingo, hoje não é dia.
Apenas a certeza de que as coisas não deixaram de ser.
As mãos carregam o mesmo carinho
e a presença toma forma
através de um nome e de uma lembrança.
Ontem foi domingo, hoje não é dia.
Culpa da semana de apenas um domingo,
dia que existe em função de uma presença,
na semana que existe em função do domingo.

Ontem foi domingo, hoje não é dia.
Hoje já não se pode ver quem se ama,
hoje que se torna um dia do passado, hoje não é dia.

*(Triste reconhecer que isso é verdade se o momento vai nos
empurrando de encontro à parede
e todos os acenos já foram feitos,
todas as mãos já desenharam despedidas,
todo o futuro agora é esperança, porque hoje não é dia).*

Há um retrocesso de vontade, porque ontem foi domingo.
Há um silêncio e uma ausência, porque hoje não é dia.
Há incompreensão alheia, porque ontem foi domingo.
Há um esforço em recordar, porque hoje não é dia.
Há uma estória sem princípio, porque ontem foi domingo.
Há uma pausa de capítulo, porque hoje não é dia.
Há um amor continuado, porque ontem foi domingo.
Há um soluço de criança, porque hoje não é dia.
Há renascer de esperanças, porque ontem foi domingo.

Há um quarto e um espelho, porque hoje não é dia.
Há um silêncio vermelho, porque ontem foi domingo.
Um relógio marcando o tempo, porque hoje não é dia.
Há a reprise de um momento, porque ontem foi domingo.
Há desatenção aos chamados, porque hoje não é dia.
Há fome e mau olhado, porque ontem foi domingo.
Há enorme vontade de não estar, porque hoje não é dia.
Há a esperança da volta, porque ontem foi domingo.
Há uma cadeira de palhinha, porque hoje não é dia,
Há uma voz que não é minha, porque ontem foi domingo.
Há a reprodução de um retrato, porque hoje não é dia.
Há uma enciclopédia de atos, porque ontem foi domingo.
Há um envelope sem endereço, porque hoje não é dia.
Há um beijo a qualquer preço, porque ontem foi domingo.
Há um cigarro no cinzeiro, porque hoje não é dia.
Há um mundo no aceiro, porque ontem foi domingo.
Há a coragem de luto, porque hoje não é dia.
Há a audácia de um minuto, porque ontem foi domingo.
Há um prisioneiro sem escolta, porque hoje não é dia,
há a esperança da volta porque ontem foi domingo.
Há uma rainha nem Inês ou Marta, porque hoje não é dia.
Há alguém escrevendo carta, porque ontem foi domingo.
Há expectativa de novo encontro porque hoje não é dia.
Há um grande alento de espera
porque ontem foi domingo.

(1966)

Astral prejudicado

Vênus resfriado por nuvens de asteroides
permite a vida como se Terra fosse,
enquanto Marte como um cão vadio
se coça em meio à constelação.

(1967)

Extravagância

Quanta coisa extra vaza
extravasa entre o comum
como um vaso imperfeito
em perfeito equilíbrio.

Quanta coisa é coisa ida
com a saída impedida
em pedida de assistência
(assim tem cio na vinda)

Vim da face mãe aguerrida
mangue ida do infinito
enfim isto é coisa à toa.
A toalha espalma ao vento
vem tomar ares de ida
idade que não se vence
vem ser campos, deite lírios
dei-te lírios sem vencer.

Vim da face mais serena
ser enorme no infinito,
enfim isto é coisa à toa
a toalha encontra o vento.

(1970)

À mulher

O que tenho em você sou apenas eu
e sinto sua vontade gritando o amor que tem para dar.
O que sou eu tenho em você.
O começo de um mundo íntimo e o descansar de um amor
obtido como se fosse tudo.

Minha vontade esbarrando nos limites do que é você.
Adormecer no seu sono e acordar enamorado,
perder-me em você para lhe encontrar em mim
saciado de vida,
enquanto a realidade inexistente entre os bondes enfileirados.

O que eu sou em você é antes em mim
um encontro sem palavras,
mais do que o tartamudear dos perdidos entre si.
E não será bastante encontrar-me a cada instante
em que eu sendo você
não formos tudo senão só nós

(1970)



LIVROS DO AUTOR:

A Polícia Militar na Constituição (Jurídico)

Editora Universitária de Direito, 1986

Inhaúma (Romance)

Editora Pontocom, 2015

Tuta (Romance)

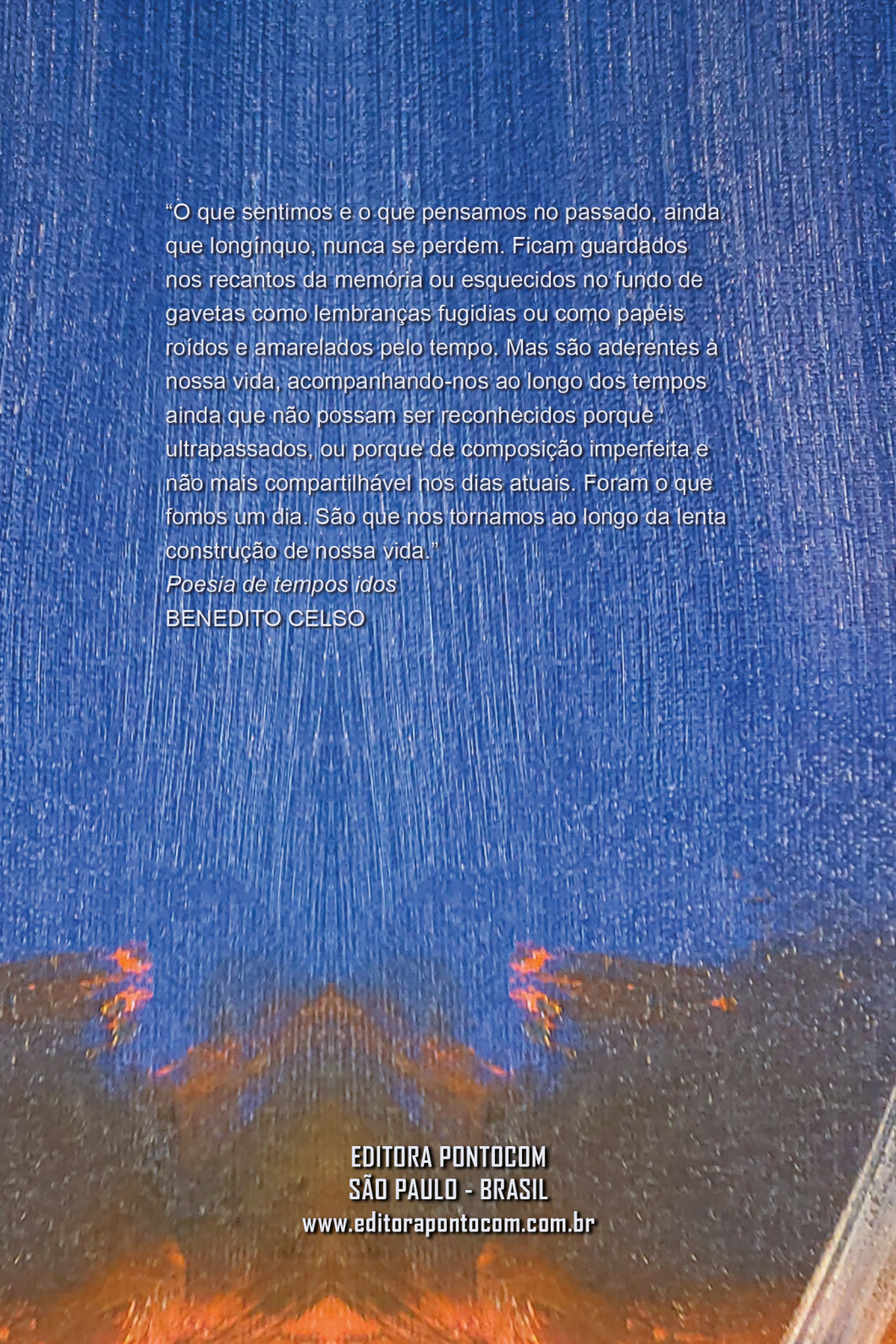
Editora Pontocom, 2017

Adamastor (Romance)

Editora Pontocom, 2019

A morte que eu vivi (Romance)

Editora Pontocom, 2020



“O que sentimos e o que pensamos no passado, ainda que longínquo, nunca se perdem. Ficam guardados nos recantos da memória ou esquecidos no fundo de gavetas como lembranças fugidias ou como papéis roídos e amarelados pelo tempo. Mas são aderentes à nossa vida, acompanhando-nos ao longo dos tempos ainda que não possam ser reconhecidos porque ultrapassados, ou porque de composição imperfeita e não mais compartilhável nos dias atuais. Foram o que fomos um dia. São que nos tornamos ao longo da lenta construção de nossa vida.”

Poesia de tempos idos

BENEDITO CELSO

**EDITORA PONTOCOM
SÃO PAULO - BRASIL**

www.editorapontocom.com.br